



**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**NIGESSIA MOREIRA GOMES**

**O LIVRO DIDÁTICO COMO INSTRUMENTO MEDIADOR DA APREDIZANGEM**

**GUARABIRA-PB**

**2015**

**NIGESSIA MOREIRA GOMES**

**O LIVRO DIDÁTICO COMO INSTRUMENTO MEDIADOR DA APREDIZANGEM**

Trabalho apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento dos requisitos necessários para obtenção do Grau de Licenciatura em Pedagogia sob orientação da Professora Ms. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira.

**GUARABIRA-PB**

**2015**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE  
GUARABIRA/UEPB

G633I Gomes, Nigessia Moreira

O livro didático como instrumento mediador da  
apredizagem / Gomes, Nigessia Moreira Gomes. –  
Guarabira: UEPB, 2015.  
21 p.

Artigo (Graduação em Pedagogia) – Universidade  
Estadual da Paraíba.

“Orientação Profª. Ma. Mônica de Fátima Guedes de  
Oliveira”.

1. Comunicação Visual. 2. Livro didático. 3. Processo  
de Ensino-Aprendizagem. I.Título.

22.ed. CDD 371.32

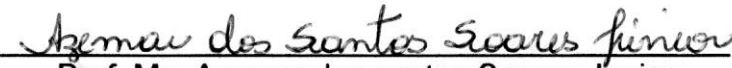
**NIGESSIA MOREIRA GOMES**

**O LIVRO DIDÁTICO COMO INSTRUMENTO MEDIADOR DA APREDIZANGEM**

**BANCA EXAMINADORA:**

  
Prof<sup>a</sup>. Ms. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira/UEPB  
Orientadora

  
Prof. Ms. José Otávio da Silva/UEPB  
Examinador

  
Prof. Ms. Azemar dos santos Soares Junior  
Examinador

Aprovada em 11 de Dezembro de 2015

**GUARABIRA – PB**

**2015**

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, autor do meu destino, meu guia, socorro presente na hora da angústia, ao meu pai João de Deus Reinaldo Gomes, minha mãe Aparecida Moreira de Sousa Gomes, e aos meus irmãos.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço-te ó Deus, pela minha vida, por meus familiares e amigos. Te peço que conduzas meu caminho, para que eu seja feliz, de acordo com o teu querer que é o melhor para mim.

Aos meus pais que diretamente me ajudaram a concretizar uns dos meus sonhos com uma forma especial e carinhosa me dando força e coragem, me apoiando nos momentos das dificuldades, preocupando-se até com os momentos pessoais pelos quais passei durante esse período da construção desse TCC. Obrigado por contribuir com tantos ensinamentos, tantos conhecimentos, palavras de força e ajuda. Quero agradecer também aos meus irmãos Aline e Júnior que sempre estão juntos comigo iluminando meus pensamentos, com vocês eu passo a maior parte do tempo, e é muito bom saber que tenho irmãos especiais ao meu lado.

À minha orientadora professora Ms. Mônica Guedes, que acreditou em mim; que ouviu pacientemente as minhas considerações partilhando comigo as suas ideias, conhecimentos e experiências e que sempre me motivou. Quero expressar o meu reconhecimento e admiração pela sua competência profissional e minha gratidão pela sua amizade, por ser uma profissional extremamente qualificada e pela forma humana que conduziu minha orientação.

Ao Prof. Ms. Azemar Soares dos Santos Júnior e ao Prof. Ms. José Otávio da Silva, pelo paciente trabalho de revisão da redação e por participar diretamente da banca examinadora.

As minhas queridas amigas e colegas Rafaela Nascimento, Isabele Lima, Vanessa Cabral, Tannissa Cardoso, Deise Epifânio e Jacyara Deodato, amigas de graduação que mesmo seguindo caminhos diferentes, sempre se fez presente em minha vida por palavras de encorajamento através de suas experiências pessoais e acadêmicas, e pelos momentos de lazer que foram essenciais neste percurso onde rimos, choramos e ajudamo-nos mutuamente.

Aos docentes do curso de Pedagogia, por me proporcionar o conhecimento não apenas racial, mas a manifestação do caráter e afetividade da educação no processo de formação profissional, por tanto que se dedicaram a mim, não somente por terem me ensinado, mas por terem me feito aprender. A palavra mestre, nunca fará justiça aos professores dedicados aos quais sem nomear terão os meus eternos agradecimentos.

À todas as minhas colegas do curso de Pedagogia, que de alguma maneira tornam minha vida acadêmica cada dia mais desafiante. Peço a Deus que os abençoes infinitamente, preenchendo seus caminhos com muita paz, amor, saúde e sucesso.

Perder tempo em aprender coisas que não interessam, priva-nos de descobrir coisas interessantes. (Carlos Drummond de Andrade)



## Sumário

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2. CONCEPÇÕES SOBRE O LIVRO DIDÁTICO.....</b>	<b>9</b>
<b>3. EVOLUÇÃO DO ASPECTO VISUAL DO LIVRO DIDÁTICO .....</b>	<b>11</b>
<b>4. O LIVRO DIDÁTICO NO BRASIL .....</b>	<b>13</b>
<b>4.1. O Programa Do Livro.....</b>	<b>16</b>
<b>4.2. O Papel Do Livro Didático.....</b>	<b>18</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>20</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>21</b>

## Resumo

O presente estudo propõe-se a apresentar breves considerações acerca do livro didático. Entende-se que um bom livro pode contribuir muito para a melhoria do processo de ensino-aprendizagem, desde que haja presença ativa do professor no planejamento do ensino, não cabendo só ao livro essa função. Tendo como objetivo lançar um olhar sobre a comunicação visual do livro didático e investigar seu papel mediador na relação entre criança e o conhecimento. Para isso será apresentado um panorama sobre o histórico do livro didático, seu surgimento e transformações para buscar melhor compreensão da relevância do livro tanto no ambiente escolar quanto fora dele. Enveredamos por utilizar teóricos como, Lajolo (1996), Bittencourt (2004), Romanatto (2009) entre outros. Que em sua linha de pensamento discute o livro como um instrumento de apoio eficiente no processo da aprendizagem. Podendo auxiliar numa pedagogia de mecanismos para a busca da informação. Na Metodologia fez-se uma pesquisa de cunho Bibliográfico, onde abarcou-se uma breve historização sobre o tema. Tendo como resultado a importância devota do livro na prática dos professores afim de opinar sobre a eficiência e ineficiência no processo da aprendizagem. Conclui-se que o livro didático não pode ser utilizado como muleta para amparar o professor durante seu lecionado. Deve seguir como uma janela para outras considerações de aprendizagem.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunicação visual. Livro didático. Processo de ensino-aprendizagem.

## Abstract

This study aims to present briefly discusses the textbook. It is understood that a good book can do much to improve the teaching-learning process, provided that active presence of the teacher in the planning of teaching, not only fitting to book this function. Aiming to have a look at the visual communication of the textbook and investigate its mediating role in the relationship between child and knowledge. For it will be presented an overview of the history textbook, its emergence and transformation to seek better understanding of the relevance of the the book both at school and outside it. We embarked for use as theoretical, Lajolo (1996), Bittencourt (2004), Romanatto (2009) among others. That in his line of thought discusses the book as an effective support tool in the learning process. May assist in teaching mechanisms for seeking information. The methodology made it a library imprint of research, where it encompassed a short-historicizing on the subject. Resulting in the devout importance of books

in the practice of teachers in order to opine on the efficiency and inefficiency in the learning process. We conclude that the textbook can not be used as a crutch to support the teacher during his taught. Should follow as a window to other learning considerations.

**KEYWORDS:** Visual communication. Textbook. Teaching-learning process.

## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi desenvolvido numa perspectiva exploratória de caráter bibliográfico, uma vez que, ao captar as múltiplas visões dos referenciais selecionados sobre o livro didático, recorre à problematizações pertinentes, indagações e encaminhamentos derivadas dimensões procedimental própria dessa abordagem.

O livro didático constitui a principal fonte de informação impressa e utilizada por grande parte dos professores e dos alunos brasileiros, sobretudo daqueles que tem menor acesso aos bens econômicos e culturais. Nesse sentido, o livro didático tem papel fundamental no processo de escolarização e letramento em nosso país, ocupando na prática muitas vezes o papel de principal referência para a formação e inserção no mundo da escrita.

Apesar desse alto valor social, as pesquisas acadêmicas, são recentes, somente nessas últimas décadas, graças as contradições da historiografia (sobretudo da chamada História nova ou História cultural), que constitui uma de suas vertentes, têm surgido instigantes trabalhos relativos a esse objeto cultural.

O estudo do livro didático é focalizado como um documento histórico, mas produto das relações socioculturais (situada no mundo da escola e também fora dela), e ao mesmo tempo institui-te dessas mesmas relações, portanto, a visão que legitima a leitura sobre seu entendimento, sua abrangência e impactos, não podem ser objetos secundarizados em sua análise. Espera-se, que esse primeiro convite possa constituir para um maior aprofundamento da temática, tendo em vista a riqueza de sua atualidade e necessidade de maiores e melhores descobertas.

A visão hipotética é de que ler, escrever e falar de acordo com as regras e as necessidades socialmente estabelecidas requer a articulação de uma série de habilidades e competências básicas de natureza discursiva, textual e gramatical as quais não podem ser aprendidas espontaneamente, mas precisam ser ensinadas. Assim atividades de leituras, produção de texto e prática oral, quando mal conduzidas, tanto comprometem o desenvolvimento de estratégias, habilidades e competências fundamentais, como levam à aquisição de procedimentos ineficazes ou prejudiciais. É a partir dessa pressuposição que

proponho a desenvolver a pesquisa, atentando para verificar a utilização do livro didático nesse contexto.

Tal atenção se faz necessária uma vez que, através do uso contínuo e onipresente do livro didático, este material poderá ser visto como uma única fonte de ajuda ao professor ou, ainda, apresentar-se como substituto do docente, podendo comprometer a aprendizagem do aluno.

## **2. CONCEPÇÕES SOBRE O LIVRO DIDÁTICO**

O livro didático faz parte da cultura e da memória visual de muitas gerações e, ao longo de tantas transformações na sociedade ele ainda possui uma função relevante para a criança, na missão de atuar como mediador na construção do conhecimento. O meio impresso exige atenção, pausa e concentração para refletir e compreender a mensagem, diferente do que acontece com outras mídias como televisão e o rádio, que não necessariamente obrigam o sujeito a parar. O livro, por meio de seu conteúdo, mas também da sua forma, expressa em um projeto gráfico. Tem justamente a função de chamar a atenção, provocar a intenção e promover a leitura.

Algumas pesquisas de acordo com CORRE(2000) e LAJOLO(1996), vem sendo realizadas ao longo dos anos sobre o livro didático, sobre os seus mais variados aspectos tais como o pedagógico, o político, o econômico e o cultural. A preocupação em pesquisá-lo leva em conta o fato de que o material didático tem uma importância grande na formação do aluno pelo mero fato de ser, muitas vezes, o único livro com o qual a criança entrará em contato.

Afim de contextualizar o livro didático no Brasil, primeiramente, é necessário retomar de forma sucinta as primeiras manifestações impressas com o objeto de ensino. Ele ainda é um dos instrumentos de aprendizagens mais utilizados e, em casos, o único utilizado em sala de aula no ensino fundamental, quando infelizmente, não há o contato dos alunos com outros materiais e informações de outras fontes. O livro didático pode ser focado como amostra dos interesses políticos e ideológicos de uma nação.

Primeiro, tratar-se de um tipo de material de significativa contribuição para a história do pensamento e das práticas educativas ao lado de outras fontes escritas, orais e iconográficas e, segundo, ser portador de conteúdos reveladores de representações e valores predominantes num certo período de uma sociedade que,

simultaneamente à historiografia da educação e da teoria da história, permitem rediscutir intenções e projetos de construção e de formação social. (CORRE 2000, p. 11)

Partindo dessa visão linear, posso assegurar que o livro didático como forma de instrumento baseia-se na memória impressa. Podendo inclusive averiguar o currículo de determinada instituição e tempo em que foi utilizado.

Os livros didáticos surgiram na Grécia antiga, Platão defendia a utilização do que havia de melhor na cultura grega. No Brasil, eles surgiram durante o governo Vargas. Daquela época até os dias atuais, muitas críticas e elogios foram publicados acerca desse instrumento de trabalho. Professores, alunos, avaliadores e críticos nem sempre se dão conta de que eles são o resultado da longa história da escola e do ensino.

Sua origem está na cultura escolar, mesmo antes da invenção da imprensa no final do século XV. Na época em que os livros eram raros, os próprios estudantes universitários europeus produziam seus cadernos de texto. Com a imprensa, os livros tornaram-se os primeiros produtos feitos em série e, ao longo do tempo a concepção do livro como “fiel depositário das verdades universais” foi se solidificando (GATTI JÚNIOR, 2004, p.36).

A trajetória para que os livros didáticos, dicionários, obras literárias e livros em Braille chegassem até as escolas brasileiras teve início em 1929, com a criação de um órgão específico para legislar sobre políticas do livro didático, o Instituto Nacional do Livro (INL). Tendo como objetivo fundamentar o livro didático nacional, e conseqüentemente auxiliar no aumento de sua produção.

O primeiro passo havia sido dado, mas demorou algum tempo para seguir adiante, pois apenas em 1934, no governo de Getúlio Vargas, o INL recebeu suas primeiras atribuições, como editar obras literárias para a formação cultural da população, elaborar uma enciclopédia e um dicionário nacionais, e expandir o número de bibliotecas públicas. Conforme SANTOS (2006, P. 57) destaca que:

A partir de 1970, o Governo Federal adotou como política a distribuição de livros didáticos, sendo “um negócio bastante lucrativo para as editoras, pois elas recebem uma parcela do pagamento adiantada, produzem os livros e têm a compra garantida pelo estado”.

Em 1996, o Governo Federal lançou o Programa do Livro Didático (PNLD), de responsabilidade do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), que visa à aquisição e distribuição de livros de forma contínua para alunos do ensino fundamental

público. Em 2004, iniciou-se a distribuição de livros didáticos para o ensino médio, gradativamente, para todas as áreas do conhecimento.

É legal saber que é de extrema importância a participação dos professores, pois eles devem saber das qualidades e limitações dos livros didáticos, para que possam refletir as práticas pedagógicas consciente de que o livro ainda apresenta conteúdos linguísticos e textos de apoio que apontam para a realidades específicas e para problemáticas locais. Embasado nesse contexto, o ideal é que o professor veja o livro didático apenas como uma das inúmeras ferramentas que capazes de lhes propiciar condições de ministrar um ensino de qualidade.

Segundo SOARES (2002, p.2) as dificuldades vivenciadas pelo o professor quanto à utilização do livro didático.

Há o papel ideal e o papel real. O papel ideal seria que o livro didático fosse apenas um apoio, mas não o roteiro do trabalho dele. Na verdade isso dificilmente se concretiza, não por culpa do professor, mas de novo vou insistir, por culpa das condições de trabalho que o professor tem hoje. Um professor hoje nesse país, para ele minimamente sobreviver, ele tem que dar aulas o dia inteiro, de manhã, de tarde e, frequentemente, até a noite. Então, é uma pessoa que não tem tempo de se atualizar. A consequência é que ele se apoia muito no livro didático. Idealmente, o livro didático devia ser apenas um suporte, um apoio, mas na verdade ele realmente acaba sendo a diretriz básica do professor no seu ensino.

Para tanto, o professor se coloca ao instrumentar o livro didático para ser o produto linear mais fácil de se colocar para o aluno. Tendo em vista que o professor não tem tempo de se preparar ou mesmo planejar para buscar metodologias inovadoras. Sendo assim, com certeza, as aulas vão se tornar cansativas e monótonas e dificultar a aprendizagem do único interessado que é o aluno.

### **3. EVOLUÇÃO DO ASPECTO VISUAL DO LIVRO DIDÁTICO.**

Desde seu início o livro didático trouxe uma ambiguidade em relação ao seu público. A figura central era o professor sendo parte integrante do processo educativo, e sujeitos importantes para a formação das gerações e para os padrões da sociedade que buscamos. Porém, a partir da segunda metade do século XIX passou a se tornar mais claro que o livro didático não era um material de uso exclusivo deste para transcrever ou ditar, observou-se que o livro precisava ir diretamente para as mãos dos alunos. GÉRARD e ROEGIERS (1998, p.18), definem o livro didático como “um instrumento impresso, intencionalmente estruturado para se inscrever num processo de aprendizagem, com o fim de lhe melhorar a eficácia”.

Portanto, sua utilização assume importância diferenciada de acordo com as condições, lugares e situações em que é produzido e utilizado nos diferentes ambientes escolares.

Está mudança de perspectiva, passar a ver o aluno como consumidor direto do livro, sinalizou tanto para autores quanto editores, que era necessário modificar o produto para atender novas exigências, transformando e aperfeiçoando sua linguagem. Neste sentido, as ilustrações começaram a se tornar uma necessidade, assim como surgiram novos gêneros didáticos, como os livros de leitura de lições. (BITTENCOURT, 2004. P.3).

Ele ainda é um dos instrumentos de aprendizagem mais utilizados e, em muitos casos, o único utilizado em sala de aula, quando infelizmente, não há o contato dos alunos com outras matérias e informações de outras fontes.

O livro didático por seu aspecto político e cultural, na medida em que produz valores da sociedade em relação a sua visão de ciência, da história, da interpretação dos fatos e do próprio processo de transmissão do conhecimento.

Mesmo com a diversidade de livros existentes, todos podem ter, e efetivamente tem papel importante na escola (LAJOLO,1996, p.4), e embora o livro didático não seja o único material de que os professores e estudantes vão valer-se no processo de ensino e aprendizagem, ele pode ser decisivo para qualidade do aprendizado resultante das atividades escolares. O livro didático é um instrumento muito importante no processo do ensino. É uma maneira mais acessível de adquirir os conteúdos e em muitos aspectos facilita o acompanhamento do mesmo. Por outro lado, pode torna-se vicioso em sala de aula. Segundo ILARI (1985, p.47)

A maioria dos livros didáticos, sobretudo de primeiro grau, organizam suas lições em torno de textos curtos que são tomados como pretexto para introduzir questões de várias ordens: lexicais, gramaticais e etc. Alguns elementos de vocabulários são então incluídos na lição para assegurar uma compreensão pelo menos literal do texto; umas tantas palavras, supostamente aquelas que o aluno desconhece(...) sinônimos naquele texto.

Para Ilari, essa praxe é legítima, mas não há nenhuma razão teórica ou prática para que seja a única do vocabulário. O que se percebe, é que os livros didáticos se apresentavam bastantes parecidos até meados da década de 70. A diferença era pequena, como atrativos para os alunos, mas nem sempre o conteúdo era trabalhado de forma eficaz. Aos professores cabe a responsabilidade de utilizarem esse recurso de forma adequada e não deixar que ele seja esquecido, pois conforme salienta ROMANATTO.



...O livro de didático ainda tem uma presença marcante em sala de aula e, muitas vezes, como substituto do professor quando deveria ser mais um dos elementos de apoio ao trabalho docente. ...Os conteúdos e métodos utilizados pelo professor em sala de aula estariam na dependência dos conteúdos e métodos proposto pelo livro didático adotado. Muitos fatores têm contribuição para que o livro didático tenha esse papel de protagonista na sala de aula. ...Um livro que promete tudo pronto, tudo detalhado, bastando mandar o aluno abrir a página e fazer exercícios, é irresistível. O livro didático não é um mero instrumento como qualquer outro em sala de aula e também não está desaparecendo diante dos melhores meios de comunicação. O que se questiona é a sua qualidade. Claro que existe exceções (ROMANATTO, 1987, p.85).

A utilização do livro didático por professores e estudantes depende de muitos fatores, como o reconhecimento das funções pedagógicas que ele pode desempenhar. Neste sentido o professor, ao escolher o livro deve considerar entre outros critérios, a proposta pedagógica, os modos de contextualização e apresentação dos conteúdos, nível de complexidade e relações estabelecidas com o cotidiano dos estudantes.

Neste entendimento, SANTOS e CARNEIRO (2006) destacam que:

O livro didático assume essencialmente três grandes funções: de informação, de estruturação e organização da aprendizagem e, finalmente, a função de guia do aluno no processo de apreensão do mundo exterior. Deste modo, a última função depende do livro permitir que aconteça uma interação da experiência do aluno e atividades que instiguem o estudante desenvolver seu próprio conhecimento, ou ao contrário, induzi-lo á repetições ou imitações do real. Entretanto o professor deve estar preparado para fazer uma análise crítica e julgar os méritos do livro que utiliza ou pretende utilizar, assim como para introduzir as devidas correções e/ou adaptações que achar conveniente e necessária (SANTOS e CARNEIRO 2006, p.206).

Embora a internet seja utilizada como importante instrumento de pesquisa o livro didático ainda representa à principal, senão a única fonte de trabalho como impresso na sala de aula, em muitas escolas da rede pública de ensino. Contudo, os professores acreditam que a internet não pode substituir o livro, e sim, pode ser utilizada paralelamente ao livro, já que ele é um recurso pedagógico.

#### **4. O LIVRO DIDÁTICO NO BRASIL**

A preocupação com os livros didáticos em nível oficial, no Brasil, se inicia com a legislação do livro didático criada pelo Decreto – Lei 1006 de 30 de Dezembro de 1938. Naquela época, o livro era considerado um instrumento da educação política e ideológica sendo o Estado caracterizado como censor no uso desse material didático. Para tanto, em seguida criou-se uma comissão que gerenciasse o controle político- ideológico do que propriamente uma função didática. Comissão Nacional do Livros Didáticos (CNLD), foi a

primeira política de legislação para tratar da produção, do controle e da circulação dessas obras.

Após discursões relevantes ao assunto do livro sobre a legitimidade desta comissão, em 1945 o Estado consolidou a legislação com as condições de produção, importação e utilização do livro didático, restringindo ao professor a escolha do livro a ser utilizado pelos alunos, conforme definido no art. 5º do Decreto-Lei nº 8.460, de 26 de Dezembro de 1945.

O artigo 208, inciso VII, da Constituição Federal do Brasil, assegura que o livro didático é um direito Constitucional do estudante brasileiro.

O livro didático acompanhou o desenvolvimento do processo de escolarização do Brasil. Se na primeira metade do século passado os conteúdos escolares assim como as metodologias de ensino vinham com o professor, nas décadas seguintes, com a democratização do ensino e com as realidades que ela produzia os conteúdos escolares, assim como os princípios metodológicos passaram a serem veiculados pelos livros didáticos (ROMANATTO,2009 P.85).

Assumindo um papel importante nas práxis educativas, o livro como um instrumento de recurso para o professor, quanto o único objeto cultural ao qual a criança tinha acesso. Somente na década de 90, começou-se a assistir um veemente e louvável discursão crítica sobre o Ensino Fundamental no Brasil. Com isso, na verdade, um debate vertiginoso sobre os Livros Didáticos para esse nível de escolaridade.

O mecanismo jurídico que regulamenta o livro didático é o Decreto nº 9154/85, que instituiu o programa o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Esse plano estabelece, em seu art. 2º, a avaliação rotineira dos livros. Recentemente, a resolução nº 603, de 21 de fevereiro de 2001, passou a ser um mecanismo organizador e regulador do PNLD. O ministério da Educação e Cultura (MEC) criou várias comissões para a avaliação dos livros didáticos, na busca de melhor qualidade.

A reforma curricular, a partir de 1991, nos primeiros ciclos do Ensino Fundamental, exige que os novos livros correspondam às atuais exigências de uma Educação do século XXI, na qual o conhecimento, os valores, a capacidade de resolver problemas e aprender, como a Alfabetização Científica e Tecnológica, são elementos essenciais.

Conforme LAJOLO (1996, P.4):

Em sociedade como a brasileira, livros didáticos e não didáticos são centrais na produção, circulação e apropriação do conhecimento, sobre tudo dos conhecimentos por cuja difusão a escola é responsável. Dentre a variedades de livros existentes, todos podem ter – e efetivamente têm – papel importante na escola.

Diante do papel que o livro didático ocupava no processo escolar no fim da década de 1990, o governo brasileiro, na posição de maior comprador deste tipo de livro, iniciou um processo de avaliação que ocasionou diversas melhorias nas coleções didáticas de todas as áreas disciplinares, incluindo o apuro da qualidade gráfica e de impressão, e da linguagem e conteúdo utilizados pelos autores.

O processo de avaliação pedagógica dos livros inscritos para o PNLD, como é aplicado hoje, foi iniciado em 1996 e passou por vários aperfeiçoamentos. Atualmente a síntese da avaliação pedagógica pela qual passam os livros e as coleções distribuídas pelo Ministério da Educação é apresentada no Guia do livro didático, distribuídos às escolas e também disponível on-line.

A escolha dos livros é feita pelos os professores das escolas públicas de todo o país, por meio do Guia do Livro Didático, Onde têm a oportunidade de escolher os livros de sua preferência para serem trabalhados pelo período de três anos, sendo que o livro escolhido só poderá ser substituído por outro título no próximo PNLD.

Além do PNLD<sup>1</sup>, o governo federal executa outros dois programas relacionados ao livro didático para prover as escolas das redes federal, Estadual e municipal e as entidades parceiras do programa Brasil Alfabetizado: o Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio (PNLEM) criado em 2004 e o Programa Nacional do Livro Didático para a Alfabetização de Jovens e Adultos (PNLA) criado em 2007.

Segundo o MEC (BRASIL,2008, P.5), o livro didático tem a função, além de pedagógica, social, ao contribuir para a qualidade da educação brasileira e promover assim, a inclusão social dos alunos que, devido a motivos econômico-financeiros, não têm acesso ao material.

---

<sup>1</sup> Atualmente, o Governo Federal, através do MEC, está distribuindo livros para toda a educação básica pública nacional através do Programa Nacional do Livro de Alfabetização (PNLA) destinado as séries iniciais do Ensino Fundamental, Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) destinado as séries finais do Ensino Fundamental, e o Programa do Livro Didático do Ensino Médio (PNLEM), destinado ao Ensino Médio.

No mundo atual, caracterizado pela diversidade de recursos direcionados ao aperfeiçoamento da prática pedagógica, o livro didático ainda se apresenta como eficaz instrumento de trabalho para atividade docente e para aprendizagem dos alunos. O acesso a esse instrumento contribui para a qualidade da educação básica, além de promover a inclusão social.

Portanto, a função do livro didático é contribuir para o processo de ensino aprendizagem, como um suporte didático que visa a facilitar a transmissão de conhecimentos e auxiliar a apropriação deste pelos os alunos.

#### **4.1. O Programa Do Livro**

O livro didático passou a ser utilizado com mais frequência no Brasil na segunda metade da década de 60, com a assinatura do acordo do MEC – USAID em 1966, época em que são editados em grande quantidade para atender a demanda de um novo contexto escolar em surgimento.

Em 1985, criou-se o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), que vem ao longo dos anos se aperfeiçoando para atingir seu principal objetivo: educação de qualidade. Porém, somente no início dos anos 90 o MEC deu os primeiros passos para participar mais direta e sistematicamente das discussões sobre a qualidade do livro escolar.

Embora a maioria dos livros didáticos apresentem uma ciência descontextualizada, separada da sociedade e da vida cotidiana, e concebem o método científico como um conjunto de paradigmas para encontrar a verdade. Neste sentido, as orientações para a educação chamam a atenção ao fato de que:

O livro didático é tido como um padrão curricular desejável, mesmo quando se considera a possibilidade de que ele seja modificado de alguma forma. A defesa de sua distribuição às escolas é primordialmente vista como a forma mais afetiva de apresentar uma proposta curricular aos professores e alunos e não apenas uma produção cultural entre outras (LOPES, 2007, P.209).

Mesmo assim, muitas vezes ele é a única referência para o trabalho do professor, passando a assumir o papel de currículo e defensor das estratégias de ensino, interferindo de modo significativo nos processos de seleção, planejamento, e desenvolvimento dos conteúdos em sala de aula. A importância do livro didático, notadamente como aspecto fundamental nas

políticas educacionais oficiais, fica evidente através da implantação, pelo ministério da Educação MEC, da prática de compras de livros didáticos nas escolas públicas, subordinada à análise prévia realizada por especialista e materializada através do “GUIA DO LIVRO DIDÁTICO<sup>2</sup>”.

Neste sentido, LAJOLO (1996, p.5) salienta que “é a partir do conhecimento que já tem do mundo em que vivem que os educandos poderão construir os conhecimentos nos quais os livros didáticos e as escolas devem iniciá-los”.

O programa é executado em ciclos treinais alternados. Assim, a cada ano o MEC adquire e distribui livros para todos os alunos de um segmento, que pode ser: anos iniciais do fundamental, e anos finais do ensino fundamental e ensino médio. À exceção dos livros didáticos consumíveis, os livros distribuídos deverão ser conservados e devolvidos para utilização por outros alunos nos anos subsequentes.

O PNLD também atende aos alunos que são público- alvo da educação especial. São distribuídas obras didáticas em Braille de língua portuguesa, matemática, ciências, história, geografia e dicionários. Aos alunos com surdez das escolas de ensino fundamental e médio foi realizada a compra e distribuição, no ano de 2007, de dicionários trilíngues (português, inglês e libras). Além disso aos alunos com surdez de 1ª a 4ª série, foram destinadas cartilhas e livros de língua portuguesa em libras e em CD- rom (FNDE,2008). De acordo com o autor ele afirma que:

[...] os livros didáticos não são objetos ou factuais, mas produtos culturais que devem ser entendidos como resultado complexo de interações mediadas por questões econômicas, sociais e culturais [...] (Macêdo,2004, p.106)

Diante desse aspecto, posso defender o livro didático como resultado promissor da interação entre o homem com o meio. Neste caso, a complexidade concretiza que quando aliado aos demais instrumentos utilizados no processo ensino aprendizagem o livro tem papel determinante na organização do currículo e na formação dos professores.

---

<sup>2</sup> O guia do livro didático constitui-se em um documento, elaborado a partir da implementação do PNLD (Programa Nacional do Livro Didático), financiado pelo MEC, por meio do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, em que são disponibilizados espaços para a disposição da síntese de obras (livros didáticos) analisadas, por especialistas em cada área específica do Ensino Fundamental, e sua respectiva classificação, consoante a seguinte classificação: "recomendado com distinção", "recomendado" e "recomendado com ressalvas".

## 4.2. O Papel Do Livro Didático

O livro didático e a aula expositiva tem sido os recursos mais utilizados pelos os professores na condução do processo ensino e aprendizagem. Em muitas situações, o livro didático tem desempenhado um papel central e determinante na organização da prática docente, deixando de ser entendido como apenas um material complementar ou de suporte para professores e alunos. Para ROMANATTO (2004, p.5)

O livro didático, como qualquer outro recurso, tem sua importância condicionada ao uso que o professor dele faça. Não só pelo seu emprego correto, mas sabendo explorá-lo em função dos objetivos a alcançar, sabendo enfatizar os seus pontos fortes e anular os seus pontos fracos[...]

Portanto, é de cunho fundamental está ligado no processo de ensino aprendizagem, enfatizando que a sua importância está intimamente focada à forma no qual o professor procede no seu uso e escolha.

Esse papel que o livro vem exercendo na prática pedagógica explica-se, em grande parte, pelas transformações que vem processando, desde a década de 70, no modelo do novo livro didático. Devido à ampliação do acesso à escola e às inovações das concepções de aprendizagem e ensino ele passou a ter por objetivo estruturar o trabalho pedagógico em sala de aula e não apenas apresentar os conteúdos acompanhados de um questionário ao final de cada capítulo e de algumas poucas ilustrações.

Grandes partes dos livros didáticos produzidos hoje em dia oferecem, também, uma diversidade de maneiras de se ensinar e aprender os conteúdos escolares, diversificando estratégias de ensino, empregando cada vez mais recursos visuais associados ao discurso verbal. Além disso, os autores estruturam o processo pedagógico em sequencias didáticas ou em etapas, demarcando diferentes momentos do processo de ensino aprendizagem, sugerindo, ainda, instrumentos de avaliação da aprendizagem.

Há também a necessidade de se pesquisar as características da forma dos livros didáticos, sobre isto o pesquisador afirma que:

A organização interna dos livros e sua divisão em partes, capítulos, parágrafos, as diferenciações tipográficas (fonte, corpo de texto, grifos, tipo de papel, bordas, cores, etc.) e suas variações, a distribuição e a disposição espacial dos diversos elementos textuais ou icônicos no interior de uma página (ou de página dupla) ou de um livro só foram objeto,

segundo uma perspectiva histórica, de bem poucos estudos, apesar dessas configurações serem bastantes específicas do livro didático. Com efeito, a tipografia e a paginação fazem parte do discurso didático de um livro usado em sala de aula tanto quanto o texto ilustrativo (CHOPPIN,2004, P.559).

Embora essas mudanças ocorridas nos livros didáticos sejam importantes para a melhoria do processo ensino aprendizagem, não podemos deixar de nos perguntar se esse modelo não levaria o professor a se dispensar do seu papel de pensar e decidir a respeito do que ensinar; enfim de ser sujeito responsável pela organização das condições de ensino.

Entendemos que um bom livro pode contribuir muito para a melhoria dos processos de ensino-aprendizagem, desde que haja presença ativa do professor no planejamento do ensino, não cabendo ao livro essa função. Ou seja, o professor deve ser sujeito que dirige o processo educativo, não se submetendo totalmente aos conteúdos selecionados pelo autor do livro, nem às suas abordagens e sequencialidades.

PARA ROMANATTO (2004, p.5):

[...]O livro didático é um eficiente recurso de aprendizagem no contexto escolar. Sua eficiência depende, todavia de uma adequada escolha e utilização [...]

Ao professor cabe, ainda, exercer o papel de mediador entre o livro e os alunos no momento do seu uso. Para isso, ele precisa:

a) Realizar uma avaliação crítica do livro;

O livro didático dirige-se simultaneamente, a dois leitores: o professor como mediador, e o aluno como aprendiz. Esta sua dupla destinação manifesta-se, por exemplo, no fato corrente de que exemplares do livro didático são chamados de livro do professor;

b) Definir o ritmo e as maneiras de seu uso, segundo as possibilidades cognitivas dos alunos, e a diversidade de seus conhecimentos prévios.

Por dever de ofício o professor, o professor torna-se uma espécie de leitor privilegiado da obra didática, já que é a partir dele que o livro didático chega às mãos dos alunos.

O livro do professor precisa interagir com seu leitor – professor não como a mercadoria dialogada com seus consumidores, mas como dialogam aliados na construção de

um objetivo comum: ambos, professores e livros didáticos, são parceiros em um processo de ensino muito especial, cujo beneficiário final é o aluno (LAJOLO, 1996, p.5).

Essas duas ações são complementares, exercendo influência recíprocas uma sobre a outra. A avaliação crítica do livro não se encerra no momento da sua escolha, mas torna-se mais apurada com o uso do livro. Por sua vez uma boa avaliação melhora a utilização do livro.

Aprofundar a questão da mediação que a comunicação visual do livro promove também levantar pontos como apresentação do conteúdo de forma criativa, organizada e interessante, o estímulo ao estudo e a compreensão do conteúdo. A criança pode adquirir assim, de maneira mais eficiente, satisfatória e principalmente prazerosa, os conhecimentos escolares, facilitando a construção do conhecimento e ampliando o potencial pedagógico do livro.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante de todas as informações compreendo a dimensão e a importância desse programa na melhoria da qualidade da Educação em nosso país. Também percebe-se que os programas dos livros didáticos (PNLD, PNLD-EJA, PNLD-Campo, PNLA, PNLEM) efetuam atendimento diferenciado, buscando responder as diversas demandas da educação básica (Ensino Fundamental e Médio), inclusive desenvolvendo ações de inclusão social: livros específicos para a educação de jovens e adultos, para as escolas multi seriadas da área rural e também para portadores de necessidades na área de visão.

Os programas do livro, como vimos, além de contribuírem para a melhoria da qualidade do ensino e para o incentivo de alunos e professores à leitura, permitem o exercício da cidadania, o que espelha uma gestão democrática. Finalmente, podemos afirmar que a distribuição de livros didáticos e de obras de conteúdos diversos para professores, alunos e bibliotecas vinculadas às escolas públicas, com certeza vem contribuindo para modificar os rumos da educação no país.

Vale salientar a importância e responsabilidade na escolha do livro didático. Do controle social, conservação e acompanhamento necessário na devolução dos livros. O livro



didático está presente em todo o ambiente escolar, assim como nas ideologias que englobam a totalidade social.

Corrêa (2000, p.22) menciona que “... provavelmente, nenhum material escolar sofreu tanto as influências das leis de mercado quanto esse “. O livro fez sua história seguindo os princípios e economia da sociedade em que atravessou e sempre teve por objetivo atingir um público certo.

Contudo, o livro didático permanece, dentro de um molde, que sofre alterações somente perante a necessidade de justificar e perfazer com repetidas situações.

Por fim, no que se refere ao conhecimento contido no livro didático, devemos garantir que os conteúdos não se apresentem de forma defasada e esvaziada, mas que nutram uma completa apropriação pelos nossos alunos.

## **REFERÊNCIAS**

BITTENCOURT, Circe M. F. **Autores e editores de compêndios e livros de leitura (1810-1910)**. In: Revista Educação e Pesquisa, vol. 30, n3, São Paulo, P. 474-491, Set/Dez.2004.

CHOPPIN, Alain. **História dos livros e das edições didáticas**: Sobre o estado da arte. [online] Revista Educação e Pesquisa, São Paulo, v 30, n3, P. 549-566, Set/Dez.2004. Tradução de Maria Adriana C. Cappello. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v30n3/a12v30n3.pdf>> Acesso em 20 fev.2008.

GATTI JÚNIOR, Décio. **A escrita escolar da história**: livro didático e ensino no Brasil. Bauru, SP: Edusc; Urbelândia, MG: Edufu,2004.

LAJOLO, Marisa, ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo. Ática, 1999.

LAJOLO, Marisa. Livro Didático: (um quase) manual de usuários. Aberto, v.16 n .69, P 3-9, 1996.

CORREA, Rosa Lydia Teixeira. O livro escolar como fonte de pesquisa em História da Educação. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v20n52/a02v2050.pdf>>. Acesso em 20 de agos. de 2008.

BRASIL: Ministério da Educação – Secretaria de Educação Básica, Fundo Nacional do Desenvolvimento da Educação. Física: catálogo do Programa Nacional do Livro no Ensino Médio – PNLEM 2009. Brasília: MEC, 2008.

CARNEIRO, M.H. da S.; SANTOS, W.L.P. dos; MÓL, G. de S. **Livro Didático inovador e professores**: Uma tensão a ser vencida. Ensaio – Pesquisa em Educação em Ciências, v.7, N.2, dez 2005.

GÉRARD, F. – M, ROEGIERS, X. (1993) – Concevoir et évaluer des manuels scolaires. Bruxelles se Boeck – wesmail (tradução portuguesa de Júlia Ferreira e de Helena Peralta, porto: 1998).

LOPES, Alice Casimiro. **Currículo e Epistemologia**. Ijuí: Editora Unijuí, 2007, P.205-228.

ROMANATTO, Mauro Carlos. **O livro didático: alcances e limites**. Disponível em [http://www.sbempaulista.org.br/epem/anais/mesas\\_redondas/mr19-Mauro.doc](http://www.sbempaulista.org.br/epem/anais/mesas_redondas/mr19-Mauro.doc). Acessado em 13/04/2009.

SANTOS, Widson Luiz; CARNEIRO, Maria Helena da Silva. **Livro Didático de Ciências**: Fonte de informação ou apostila de exercícios. In: Contexto e Educação: Ano 21 de Julho/dezembro, Ijuí: Editora Unijuí .2006.